

A visão grega sobre os egípcios no século V a.C.: uma análise da alteridade *n'As Suplicantes*, de Ésquilo

The Greek view of the Egyptians in the 5th century BC: an analysis of otherness in *Suppliant Maidens*, by Aeschylus

João Gabriel Artioli Pinto⁴⁵
Gilberto da Silva Francisco⁴⁶

Artigo recebido em 29 de julho de 2025
Artigo aceito em 12 de junho de 2025

Resumo: Este artigo analisa perspectiva grega sobre os egípcios no século V a.C., mais especificamente a ateniense, a partir da tragédia *As Suplicantes*, de Ésquilo. Dessa forma, interpretação aqui proposta considera duas questões principais: a primeira enfatiza o conflito e a polarização entre gregos e não gregos; a segunda considera a interação pacífica e as trocas culturais.

Palavras-chave: Teatro grego. Egípcios. Alteridade. *As Suplicantes*. Ésquilo.

Abstract: This article analyzes the Greek perspective on the Egyptians in the 5th century BC, more specifically the Athenian perspective, based on Aeschylus' tragedy *Suppliant Maidens*. Therefore, the interpretation proposed here considers two main issues: the first emphasizes the conflict and polarization between Greeks and non-Greeks; the second considers peaceful interaction and cultural exchange.

Keywords: Greek Theater. Egyptians. Otherness. *Suppliant Maidens*. Aeschylus.

Introdução

O presente artigo é uma apresentação do meu projeto de iniciação científica, que tem como tema central a análise da representação grega sobre o outro, conhecido

⁴⁵ Graduando em História na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e bolsista de iniciação científica pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob orientação do Professor Doutor Gilberto da Silva Francisco. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-0805-9348>

⁴⁶ Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) e professor de História Antiga da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9615-4922>

no vocabulário grego como “bárbaro”, durante o século V a.C.⁴⁷. Dessa forma, utilizando como fonte a peça *As Suplicantes*, de Ésquilo, pretende-se identificar como os povos egípcios são vistos e caracterizados no imaginário grego, mais especificamente o ateniense. Trata-se, dessa forma, de uma pesquisa no âmbito dos debates sobre a questão da identidade étnica na Antiguidade⁴⁸.

A tragédia de Ésquilo está situada em um contexto em que as diferentes cidades-estados gregas se conectavam com outras sociedades mediterrânicas com bastante frequência. Dessa forma, como aponta Vlassopoulos, na produção acadêmica sobre a relação entre gregos e outros povos, predominam duas abordagens distintas: uma enfatiza a relação entre gregos e não gregos a partir de dinâmicas de conflito e polaridades e a outra enfatiza a interação, a troca e a mútua dependência⁴⁹.

A primeira abordagem considera principalmente aspectos relacionados ao etnocentrismo grego. Um dos principais autores dessa discussão é François Hartog⁵⁰, que explorou como a obra de Heródoto e suas descrições de vários povos não gregos funcionaram como um “espelho” do *eu* grego. Para ele, o discurso de Heródoto apresentou menos interesse em entender culturas estrangeiras e mais em usá-las como representações sobre os não gregos que eram importantes para construir a própria identidade grega.

Edith Hall⁵¹ adotou uma abordagem semelhante e explorou como a tragédia grega inventou o bárbaro. Ela argumenta que a escrita grega sobre o não grego é geralmente um exercício de autodefinição, pois este é frequentemente retratado como o oposto do grego ideal. Além disso, Hall sugere que a polarização entre helenos e bárbaros foi sintetizada em circunstâncias históricas específicas no início do século V a.C., muito por conta do conflito entre gregos e persas. Portanto, embora a ideia de uma etnia compartilhada entre todos os helenos já existisse no período arcaico (776-480 a.C), a autora defende que o conflito entre gregos e persas gerou a polarização

⁴⁷ É possível encontrar na bibliografia sobre o tema o uso dos termos “bárbaro”, “outro” e “não grego”, por vezes de forma intercambiável. Neste texto, utilizarei preferencialmente o termo “não grego”, evocando os outros termos quando eles estiverem no centro de debates específicos.

É importante ressaltar aqui o argumento de Jonathan Hall (2001, 2002 e 2010), segundo o qual a etnicidade seria uma visão interna de si mesmo e do grupo. Assim, torna-se necessário avaliar se as diferenças são significativas a ponto de se estabelecerem distinções (a delimitação do “outro”, do “não grego”) ou a manutenção dentro do grupo (a ideia de “helenidade”). Ver FRANCISCO, 2024, p. 560.

⁴⁹ VLASSOPOULOS, 2013, p. 4.

⁵⁰ HARTOG, 1999.

⁵¹ HALL, 1989.

entre gregos e não gregos, o que teria resultado na consolidação de uma identidade grega em contraposição aos outros.⁵²

De forma semelhante a Edith Hall, Jonathan Hall afirma que, nos séculos VII e VI a.C., a Ásia era vista pelos gregos com uma fascinação exótica, mas a invasão persa e a ascensão da democracia em algumas cidades gregas formaram uma interpretação negativa dos povos dessa região. A palavra “bárbaro”, utilizada apenas em alguns casos antes do conflito, passou a ser empregada para se referir não apenas aos persas, mas também a todos os outros grupos de não gregos. Dessa maneira, Jonathan afirma que, nas peças gregas, os personagens “bárbaros” são apresentados como cruéis, tirânicos, sem moderação, covardes e afeminados⁵³.

Por outro lado, as dinâmicas de interação e troca foram exploradas por acadêmicos como Walter Burkert e Martin West⁵⁴, os quais exploraram em suas publicações as formas pelas quais as culturas do Oriente Próximo influenciaram a cultura e sociedade grega desde o período arcaico. Ademais, outro autor que abordou essas questões foi Martin Bernal⁵⁵, o qual argumentou que as suposições etnocêntricas e racistas dos estudiosos ocidentais sobre a Grécia antiga desde o século XIX levaram ao menosprezo das culturas orientais e à minimização de sua grande influência nesse campo. Por meio de evidências arqueológicas e literárias, o autor defendeu que o surgimento da cultura grega foi o resultado da migração de populações egípcias e fenícias para o Egeu durante a Idade do Bronze e períodos posteriores, bem como que a cultura grega foi um desdobramento das culturas mais antigas do Oriente Próximo. Essa tese foi bastante polêmica e não encontrou apoio entre os especialistas sobre o tema⁵⁶.

No entanto, ambas as abordagens – tanto as dinâmicas de conflito e polaridade como de interação e troca – podem ser encontradas nas diferentes formas de interação entre gregos e não gregos durante a Antiguidade. Assim, para entender tais relações complexas, Vlassopoulos afirma que é preciso ir além de uma distinção generalista entre dois lados separados e conflitantes, uma vez que gregos e não gregos se

⁵² Ibidem, p. 2.

⁵³ HALL, 2001, p. 220.

⁵⁴ BURKERT, 2004; WEST, 1997.

⁵⁵ BERNAL, 1987.

⁵⁶ Para críticas às ideias de Bernal, ver LEFKOWITZ, 1998; LEFKOWITZ e ROGERS, 1996; BERLINERBLAU, 1999; VLASSOPOULOS, 2007.

encontraram e interagiram de várias maneiras e em contextos diferentes. Diante disso, o autor se propõe a explorar essas interações por meio de quatro mundos paralelos, mas conectados: o mundo das redes; o mundo das *apoikiai* (colônias); o mundo pan-helênico; e o mundo dos impérios. Portanto, tal abordagem envolve diferentes áreas geográficas e pretende revelar que esses quatro mundos paralelos representam quatro contextos e formas diferentes de interação entre gregos e não gregos⁵⁷.

Além disso, a peça de Ésquilo deve ser compreendida à luz do fenômeno de imigração em larga escala para Atenas entre os séculos VI e V a.C. Durante o governo dos Pisistrátidas, no século VI a.C., a cidade teria sofrido um fluxo crescente de estrangeiros do Mediterrâneo. No entanto, após a queda dos tiranos, as reformas de Clístenes e o fim do conflito contra os persas, a vinda de imigrantes teria aumentado ainda mais⁵⁸.

Dessa forma, o autor defende que, à medida que os atenienses da era clássica se tornavam cada vez mais conscientes de sua própria identidade coletiva, eles buscavam se definir e se diferenciar em relação aos outros. Com isso, eles criaram um estatuto legal para denominar os não cidadãos livres, os quais passaram a ser chamados de metecos e seu estatuto de *metoikia*. Portanto, quando Ésquilo encenou a fuga de Dânao e suas filhas do Egito para uma cidade grega, ele o teria feito a partir das questões de sua própria época e lugar⁵⁹.

Em um primeiro momento, Bakewell alega que os atenienses receberam esse fluxo migratório com base em questões tradicionais, uma vez que, desde a sua fundação, a cidade havia sido um local de refúgio e os laços de amizade com hóspedes (*xenia*) eram bastante valorizados. Contudo, assim que o caráter democrático de Atenas se solidificou, as práticas aristocráticas tornaram-se cada vez menos usuais. Logo, a ideia de autoctonia se consolidou mais e os cidadãos passaram a se diferenciar socialmente dos “outros” que viviam entre eles⁶⁰.

Por fim, Kostas Vlassopoulos afirma que a crítica pós-colonial ao imperialismo ocidental levou muitos estudiosos a abordar a relação entre gregos e não gregos de uma maneira totalmente diferente. Com isso, a publicação de *Orientalismo*, de Edward

⁵⁷ VLASSOPOULOS, 2013, p. 11-12.

⁵⁸ BAKEWELL, 2013, p. 3.

⁵⁹ Ibidem.

⁶⁰ Ibidem, p. 7.

Said, desempenhou um papel importante na mudança de perspectivas ao elaborar uma crítica dos discursos ocidentais sobre o dito Oriente e mostrar como esse conhecimento esteve atrelado ao imperialismo ocidental⁶¹. Portanto, o tema do presente artigo se justifica por se inserir nesse contexto de debates sobre a questão da alteridade no campo da identidade étnica, a qual permanece sendo relevante nos estudos contemporâneos, principalmente para compreender como sociedades formulam suas identidades em comparação às outras.

A tetralogia das Danaides e o enredo d' *As Suplicantes*

As Suplicantes é a primeira tragédia de uma tetralogia, da qual também fariam parte as tragédias *Egípcios* e *Danaides*, bem como o drama satírico *Amímoné*⁶². No entanto, dessas três peças sobraram poucos fragmentos, que são insuficientes para a compreensão geral de seu conteúdo. *As Suplicantes* foi considerada durante muito tempo a mais antiga das tragédias de Ésquilo que permaneceram por conta de algumas características que remontam ao estágio inicial da tragédia grega, como o papel principal desempenhado pelo coro⁶³. Por tais questões, a tetralogia foi datada entre os anos 493-490 a.C.

No entanto, em 1952, a publicação do Papiro 2256 (nº 3) da coleção de Oxirrinco proporcionou uma reorganização do debate sobre a cronologia dessa tragédia⁶⁴. Esse texto consistia em uma didascália, ou seja, um conjunto de instruções dadas aos autores que representavam as obras, que identificava a presença de Sófocles entre os concorrentes no festival em que a tetralogia das Danaides foi exibida. Além disso, o papiro de Oxirrinco mostra que a apresentação da peça foi feita quando Arquedémides era o arconte de Atenas. Portanto, a hipótese mais aceita situa *As Suplicantes* entre os anos 464-463 a.C., época em que ocupou o cargo de arconte⁶⁵.

O enredo de *As Suplicantes* gira em torno do drama das Danaides, as cinquenta filhas de Dânao, o qual foi um dos filhos de Belo e irmão de Egito. No párodo (v. 1-

⁶¹ SAID, 1978, p. 56–57, apud VLASSOPOULOS, 2013, p. 2.

⁶² JESUS, 2012, p. 9.

⁶³ Para questões técnicas e de performance da peça, ver SOMMERSTEIN, 2019 e PAPADOPOULOU, 2014.

⁶⁴ JESUS, 2012, p. 7-8.

⁶⁵ Ibidem, p. 8.

175), momento em que o coro entra em cena, elas iniciam uma invocação a Zeus Suplicante e anunciam que estão deixando o Egito, a sua terra natal, a fim de evitar o casamento forçado com os seus primos, os cinquenta filhos de Egito. Seguindo o conselho do pai, as donzelas fogem para Argos, uma vez que elas são descendentes de Io, a filha de Ínaco, um rei argivo, que foi amada por Zeus, transformada em novilha e perseguida por Hera até o Egito⁶⁶.

No primeiro episódio da peça (v. 176-523), a fim de se proteger de possíveis ameaças, as Danaides e seu pai se estabelecem em uma colina próxima à costa de Argos que representa um santuário aos deuses da cidade. Diante disso, Pelasgo, o rei da cidade, chega até o local onde estavam as donzelas acompanhado de uma escolta e percebe que tanto elas como seu pai não são gregos. Após apresentar a sua linhagem e os territórios que governa, Pelasgo pede às Danaides que façam o mesmo. Elas, então, afirmam pertencer à raça argiva e expõem a trajetória de Io, a qual gerou Épafo, nascido do toque de Zeus na novilha.

Após isso, a líder do coro inicia uma súplica ao rei e lhe pede que ofereça abrigo e proteção diante dos filhos de Egito. Caso esse pedido não for aceito, elas afirmam que serão obrigadas a se enforcar para evitar o destino. Logo, Pelasgo se vê em uma situação complicada e não sabe qual decisão tomar, uma vez que rejeitar o pedido das suplicantes poderá invocar a fúria de Zeus, mas aceitá-lo causaria uma nova guerra. Por esse motivo, o rei diz às Danaides que é necessário consultar todos os cidadãos em uma assembleia antes de adotar qualquer medida.

O segundo episódio (v. 600-629) revela o que se passou na assembleia dos argivos. Depois de assisti-la, Dânao informa às suas filhas a decisão do povo – elas poderão habitar Argos e serão protegidas de qualquer ameaça. Em seguida (v. 630-709), as suplicantes iniciam uma ode na qual celebram a decisão do povo e imploram aos deuses que abençoem a cidade livrando-a de pestes, guerras, destruições e mortes.

⁶⁶ Como explica Sommerstein, a história de Dânao, suas filhas e seus descendentes remonta aos tempos arcaicos. Ela já foi contada, pelo menos parcialmente, no poema pseudo-hesíodico *Aegimius* e no texto mais antigo conhecido a tentar um relato completo da coletânea de mitos gregos, o *Catálogo das Mulheres*, atribuído a Hesíodo. Além disso, um épico inteiro de 6.500 versos foi dedicado a esse mito, o *Danaís*, do qual restou apenas um fragmento. Como todos os mitos gregos, este foi contado em uma variedade de versões, mas a predominante é a que foi mostrada aqui. Ver SOMMERSTEIN, 2019, p. 4.

Contudo, no terceiro episódio (v. 710-775), Dânao entra em cena para anunciar más notícias, uma vez que, do topo da colina, ele avista navios egípcios se dirigindo à costa, o que deixa as donzelas desanimadas e apavoradas. Dessa forma, o pai das Danaides pede às filhas que permaneçam calmas e prudentes, pois ele irá procurar pessoas que as apoie e proteja. Na ode que sucede esse diálogo (v. 776-824), as suplicantes dizem que preferem a morte às núpcias indesejadas e solicitam Zeus a agir com justiça e combater esses atos de violência.

O quarto episódio (v. 825-1017) mostra a chegada dos Egípcios à costa de Argos. Tanto eles como seu arauto tentam obrigar as mulheres a subir a bordo de seu navio, dizendo que elas serão arrastadas com violência até a embarcação se não acatarem as suas ordens. O coro das Danaides se nega a se submeter às ameaças de seus primos e deseja que eles tivessem morrido enquanto cruzavam o mar. Em meio ao conflito entre os dois lados, Pelasgo entra novamente em cena com uma escolta e confronta o arauto dos filhos de Egito, dizendo que estes estão desonrando a terra de Argos. Após uma discussão acalorada, o arauto sai de cena, mas ameaça o início de uma nova guerra. Com isso, o rei diz às Danaides que agora elas podem se acomodar na cidade com um grupo de criadas, pois lá encontrarão moradia segura e cômoda. Antes de elas irem a Argos, Dânao entra em cena e lhes pede que permaneçam castas para não trazer desonra a ele ou à cidade.

No êxodo (v. 1018-1073), o episódio final da peça, as suplicantes rezam pela prosperidade da cidade e seu povo e solicitam a benção de Ártemis, a deusa que promove a castidade. No entanto, pelo fato de recusarem o casamento, elas não invocam Afrodite, a deusa do amor. Para as criadas⁶⁷, essa divindade não pode ser desprezada, pois ela possui poderes semelhantes ao de Zeus e Hera. Por fim, as Danaides desejam que não se casem com os primos, mas as criadas respondem que isso seria o melhor, uma vez que o casamento é o destino natural das mulheres.

⁶⁷ Há traduções que atribuem essa fala à escolta de soldados argivos que acompanham Dânao, como a tradução de Alan Sommerstein. No entanto, outras edições preferem atribuí-la às criadas, pois o assunto do diálogo sugere uma conversa feminina, como a tradução de Carlos A. Martins de Jesus. Devido à indeterminação da identidade do coro, Jaa Torrano, na sua tradução, decide identificá-lo como "coro II".

A caracterização do elemento egípcio n' *As Suplicantes*

No texto da peça, é possível observar momentos de diferenciação entre as personagens gregas e egípcias. As próprias Danaides reconhecem essa diferença, uma vez que, em sua ode inicial, elas atribuem a si mesmas um sotaque bárbaro (v.119). Logo, pelo fato de virem do Egito, elas mesmas acreditam que a sua pronúncia da língua grega não possa ser boa o bastante para ser entendida completamente pelos cidadãos locais.

Outro aspecto bastante importante presente na tragédia a ser destacado são as diferenças fenotípicas e culturais entre gregos e egípcios. No párodo, as Danaides se caracterizam como mulheres enegrecidas pelo sol do Egito (v. 155) e, mais à frente, Dânao pede uma escolta para atravessar a cidade com segurança, pois “o Nilo não alimenta uma família parecida à de Ínaco” (v. 496-498)⁶⁸. Por pertencerem à mesma região, os pretendentes das Danaides, os filhos de Egito, também são referidos como pessoas de pele negra (v. 720). Portanto, embora possuam uma ancestralidade comum à dos argivos, o texto indica uma caracterização díspar entre os gregos, por um lado, e as Danaides e seus primos, por outro, como integrantes de uma condição étnica diferente.

Além disso, quando as Danaides têm o primeiro diálogo com Pelasgo, este afirma que elas não têm aspecto grego, dado que não utilizam uma indumentária concernente àquela dos habitantes de Argos ou de qualquer outra região da Hélade (v. 235-240). No texto, elas estão “faustosamente equipadas com vestes e bárbaras cintas no cabelo” (v. 235), bem como utilizam véus de Sídon⁶⁹ feitos de linho (v. 119-120). Segundo o rei, o único aspecto grego que elas possuem é o fato de depositarem os ramos de suplicantes junto aos deuses da cidade (v. 245).

A partir dessa caracterização, é importante destacar que o linho é o principal tecido utilizado pelos egípcios. Como Heródoto indica em sua descrição sobre o Egito, os egípcios “têm o cuidado de vestir sempre roupas de linho recém-lavadas” e “os

⁶⁸ Na versão original em grego, o termo utilizado nesse trecho é “génos” (γένος), que alude à ideia de um grupo social que reivindica uma ascendência comum. Tanto Sommerstein quanto Carlos Martins traduzem esse termo como “raça”. No entanto, Jaa Torrano o traduz como “família”, transmitindo melhor o sentido do termo, uma vez que “raça” é um conceito cujo uso para a caracterização de sociedades do Mediterrâneo antigo é bastante polêmico.

⁶⁹ Sídon foi uma das principais cidades fenícias na Antiguidade e estava localizada na atual região do Líbano.

sacerdotes usam uma roupa de linho de uma única peça”⁷⁰. No entanto, os véus das Danaides não se tratam de uma vestimenta comum, tendo em vista que são caracterizados como sidônios. Como mostra Carlos Martins em nota à sua tradução, a referência a Sídôn é, desde os poemas homéricos, uma expressão de luxo e requinte⁷¹. Um exemplo disso é quando, na *Odisséia*, Menelau oferece a Telêmaco “o que é mais belo e precioso”⁷² – taças feitas de prata e ouro que lhe foram dadas por Fêdimo, rei dos Sidônios. Portanto, tal referência aos véus de Sídôn alude ao luxo e à riqueza do elemento egípcio e destaca a origem nobre das Danaides⁷³.

Com isso, a reação de Pelasgo à apresentação das suplicantes revela um estranhamento diante de uma etnia distinta, porque ele as assimila com mulheres da África, Chipre e com as Amazonas (v. 280-290). Logo, isso mostra que Pelasgo – o grego – caracteriza as suplicantes – o elemento “bárbaro” – a partir de conhecimentos prévios que ele tem sobre o outro, o que torna a descrição desse elemento uma leitura imprecisa e confusa.

Ademais, há referências na peça que pretendem ressaltar a superioridade grega em relação aos egípcios. Essa contraposição ocorre, por exemplo, quando Dânao, um “bárbaro” segundo as convenções gregas, diz às filhas que não temam a vinda de seus pretendentes, pois os lobos são mais fortes que os cães e o fruto do papiro é inferior à espiga de milho (v. 760). Tal declaração sugere que os filhos de Egito seriam incapazes de lhes fazer mal, já que os argivos seriam melhores em batalha que os egípcios. Uma situação semelhante também ocorre quando Pelasgo diz ao arauto que, no caso de uma guerra, este encontrará em Argos homens que “não bebem vinho feito de cevada” (v. 950), uma clara referência à cerveja consumida pelos egípcios. Logo, como Beatriz de Paoli observa, tal passagem sugere que a alimentação dos egípcios fosse inferior à dos gregos e fizesse com que aqueles não fossem tão fortes e viris quanto estes⁷⁴, indicando uma contraposição entre a masculinidade grega e a não grega.

⁷⁰ HERÓDOTO, *Histórias*, II, 37.

⁷¹ JESUS, 2012, p. 82.

⁷² HOMERO, *Odisséia*, IV, 615-619.

⁷³ DE PAOLI, 2020, p. 187.

⁷⁴ Ibidem, p. 193.

No entanto, o contraste entre as duas etnias é observado principalmente por meio de características comportamentais e questões políticas. Quando as donzelas pedem o auxílio de Pelasgo, este decide que antes é necessário formar uma assembleia para o povo deliberar sobre o assunto. Diante de tal postura, as Danaides argumentam que o rei é o povo e apenas ele pode governar a cidade (v. 370). Nessa passagem, observa-se um contraste entre democracia e monarquia, ou seja, enquanto o rei argivo valoriza mais a vontade do povo em detrimento do desejo do próprio monarca, as Danaides estão acostumadas com a figura do rei que possui poderes absolutos sobre seu território, uma vez que desconhecem a existência de um regime democrático como o de Argos.

Além disso, é possível identificar que Pelasgo toma decisões de forma mais racional e comedida a fim de não cometer erros fatais e que possam prejudicar a cidade. Isso se torna evidente no momento em que ele justifica a sua decisão de deliberar sobre o assunto em uma assembleia:

Necessito de uma ideia profunda que nos salve. E que bem fundo desça um olhar atento, não afetado pelo vinho, tal qual um mergulhador, [410] para que, antes de mais, a nossa situação não venha a prejudicar a cidade e em bem se resolva para nós próprios. Que uma guerra de represálias não nos atinja ou, caso vos entreguemos, desse modo prostradas junto aos altares dos deuses, não vamos com isso atrair o funesto Vingador, o deus que tudo destrói, [415] penoso companheiro de morada, um Alastor que nem no Hades dá repouso aos defuntos. Não vos parece então que é necessário arranjar uma ideia que nos salve? (Tradução de Carlos A. Martins de Jesus)

Por outro lado, as suplicantes agem mais de acordo com a emoção e são menos comedidas. Um exemplo disso é o momento no qual elas afirmam que se enforçarão se não receberem a ajuda dos argivos (v. 425). No entanto, a caracterização das Danaides sugere que elas estão na fronteira entre o “bárbaro” e o grego, entre o estrangeiro e o cidadão⁷⁵. Tal dicotomia se materializa quando Pelasgo se refere a elas como estrangeiras que também são cidadãs (v. 356), o que se justifica pelo fato de elas reivindicarem uma ancestralidade grega e cultuarem os deuses locais.

Por outro lado, embora seja possível encontrar características parecidas entre os filhos de Egito e seus arautos, os quais não demonstram ser racionais e equilibrados, eles apresentam aspectos “bárbaros” mais evidentes, pois são caracterizados como

⁷⁵ Ibidem, p. 190.

violentos e ameaçam levar as primas para o barco pelos cabelos, rasgar seus vestidos, marcá-las com ferro quente e cortar as suas cabeças caso não os respeitem no último episódio da peça (v. 835-40, 904, 909). Antes mesmo de eles chegarem a Argos, as suplicantes descrevem a insolência de seus primos:

Não me deixes só pai, imploro-te! Nada pode uma mulher sozinha. Nela não reside Ares. [750] Malvados, é o que eles são, dissimulados, impuros os seus corações, semelhantes a corvos, que não respeitam sequer os altares.

Mais do que serem cruéis, os filhos de Egito não respeitam as leis locais de hospitalidade (v. 917) e desprezam os deuses gregos ao afirmarem que respeitam apenas os deuses da margem do Nilo (v. 923), reforçando o aspecto desequilibrado e imoral dos pretendentes das Danaides. Portanto, em vez de uma dinâmica binária e polarizada, a peça de Ésquilo apresenta uma gradação na relação entre gregos e egípcios na qual se observam três elementos – Pelasgo e os argivos, que representam o equilíbrio e os ideais democráticos de Atenas; Dânao e as Danaides, os personagens egípcios que serão incorporados à pólis por evocarem uma ancestralidade grega e cultuarem os deuses locais; os filhos de Egito, os “bárbaros” violentos e que desprezam a religiosidade e as leis gregas.

Por fim, a peça também mostra a desconfiança que um grego pode ter em relação a um estrangeiro. No final do quarto episódio, Dânao dirige conselhos às filhas e um deles é:

E agora, aos muitos outros conselhos que deste vosso pai aprendestes, gravaí mais este na vossa memória: apenas o tempo permite que gente estranha seja apreciada. Toda a gente tem a língua pronta para dizer mal do meteco, [995] e em menos de nada se propaga uma calúnia.

O trecho mostra que os gregos poderiam enxergar os peregrinos de forma negativa e que a integração de tais indivíduos muitas vezes era um processo lento e difícil. No entanto, o estado que as Danaides ocupam como metecos assegura que elas não poderão ser escravas e estarão amparadas por uma lei que garante a sua proteção. A forma como Pelasgo apresenta as habitações oferecidas às Danaides é também um ponto importante do enredo, uma vez que em Atenas era proibido aos metecos possuir uma propriedade⁷⁶.

⁷⁶ JESUS, 2012, p. 30.

É importante destacar aqui a natureza atenocêntrica da tragédia grega. Embora no plano da narrativa o espaço seja Argos, a representação da cidade revela características de Atenas do século V a.C. Como Bakewell aponta, os dramaturgos tinham poucos recursos para reproduzir períodos muito remotos. Portanto, além da construção ideológica baseada em elementos étnicos, como visto, na falta de testemunhas oculares ou bibliotecas, e apenas tendo contato com alguns vestígios materiais que os cercavam, Ésquilo e seus contemporâneos utilizaram a analogia com o presente como forma de retratar esse passado mítico⁷⁷.

Dessa maneira, Dânao e o coro serão inquilinos definitivos “sem obrigação de renda” (v. 1010). Por outro lado, o rei e o povo argivo ocuparão o papel de hóspedes (v. 963-965), responsáveis pela integração dos estrangeiros na cidade. Esse processo revela intenções de assimilação do elemento bárbaro pela garantia de direitos e deveres de origem helênica. Portanto, essa aceitação só é possível porque as Danaides renegam a sua condição de mulheres egípcias e se dispõem a assumir características gregas para serem salvas de um casamento indesejado⁷⁸.

Considerações finais

A tragédia *As Suplicantes* é uma obra relevante para entender a maneira pela qual o imaginário grego, mais especificamente o ateniense, caracterizava e entendia o “outro”. Nesse artigo, não foi apresentada uma visão global da percepção grega sobre o “outro”, sobre o elemento “bárbaro”, que poderia variar nessa mesma época. Uma outra forma de caracterizar os egípcios é verificada, por exemplo, na narrativa que Heródoto desenvolveu sobre os egípcios no livro 2 de suas *Histórias*. Entretanto, a peça de Ésquilo, observada em detalhe, auxilia-nos a compreender um aspecto dessa visão complexa sobre o não grego e sobre como essa construção era fundamental para caracterizar o próprio grego.

Um dos aspectos mais marcantes da peça é a distinção entre gregos e egípcios, apresentada principalmente através de diferenças fenotípicas, linguísticas, comportamentais, políticas e de indumentária. Além disso, é possível observar como

⁷⁷ BAKEWELL, 2013, p. 15.

⁷⁸ JESUS, 2012, p. 30.

essa distinção poderia ser escalonada, nuancada e organizada em um espectro e não necessariamente em dois polos absolutamente distintos.

Edith Hall trata desta distinção de forma dicotômica, afirmando que os gregos se enxergavam como democráticos, justos, moderados e masculinos, enquanto os não gregos eram tirânicos, decadentes, violentos e afeminados⁷⁹. Contudo, esta perspectiva é imprecisa e generalizada, porque, além de haver muitas pólis gregas não democráticas, em *As Suplicantes*, observa-se nuances nessa dinâmica. Tendo isso em vista, os filhos de Egito são caracterizados como indivíduos cruéis e desrespeitosos com as leis locais e os deuses gregos, o que contrasta com a postura equilibrada e democrática do rei Pelasgo e os cidadãos de Argos. Por outro lado, embora sejam egípcias como os seus pretendentes, as Danaides e seu pai Dânao reivindicam uma ancestralidade grega e adotam práticas religiosas locais, o que as coloca em uma posição intermediária entre o elemento grego e o bárbaro.

Por fim, como afirma Geoffrey Bakewell, *As Suplicantes* é um drama sobre os limites e perigos da incorporação cívica⁸⁰. Tendo isso em vista, a obra destaca a desconfiança e a dúvida em relação ao estrangeiro, um aspecto que se manifesta na fala de Dânao sobre a dificuldade de aceitação de forasteiros na cidade de Argos. Portanto, esse discurso ilustra a complexa lógica da hospitalidade e da assimilação do elemento bárbaro que permeia o enredo dessa tragédia.

Referências bibliográficas

- Fontes Primárias:

AESCHYLUS. Suppliant maidens. Trad. Alan Sommerstein. In: **Aeschylus: Persians; Prometheus; Seven against Thebes; Suppliant maidens**. Vol. I. Massachusetts: Harvard University Press, 2008.

ÉSQUILO. As Suplicantes. Trad. Jaa Torrano. In: **Tragédias**. São Paulo: Iluminuras. 2000.

⁷⁹ HALL, 1989, p. 2.

⁸⁰ BAKEWELL, 2013, p. 3.

ÉSQUILO. **Suplicantes**. Trad. Carlos A. Martins de Jesus. 1ª Edição. Coimbra: FESTEIA – Tema Clássico, 2012.

HERÓDOTO. **História**. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

HOMERO. **Odisseia**. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

- Fontes Secundárias:

BAKEWELL, Geoffrey W. **Aeschylus's Suppliant Women: The Tragedy of Immigration**. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 2013.

BERLINERBLAU, Jacques. **Heresy in the University: The Black Athena Controversy and the Responsibilities of American Intellectuals**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1999.

BERNAL, M. **Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization**, vol. I: The Fabrication of Ancient Greece, 1785–1985. New Jersey: Rutgers University Press, 2020.

BURKERT, Walter. **The Orientalizing Revolution: Near Eastern Influence on Greek Culture in the Early Archaic Age**. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

DE PAOLI, Beatriz. A caracterização das Danaides nas "Suplicantes" de Ésquilo. **CODEX - Revista de Estudos Clássicos**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 183–196, 2020. DOI: 10.25187/codex.v8i1.32946. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/CODEX/article/view/32946>.

FRANCISCO, Gilberto da Silva. Amasis – o artesão ático, o faraó saíta e o guerreiro etíope: um debate sobre etnicidade no mundo grego antigo. **Esboços**, Florianópolis, v. 31, n. 58, p. 558-582, 2024.

HALL, Edith. **Inventing the Barbarian: Greek Self-Definition through Tragedy**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALL, Jonathan Mark. Quem eram os gregos. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Brasil, n. 11, p. 213–225, 2001.

_____. Hellenicity. **Between ethnicity and culture**. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2002.

_____. Ethnicity. In: GAGARIN, Michael (ed.) **The Oxford Encyclopedia of Ancient Greece and Rome**, vol. 3. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 111-113.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do outro**. Trad. Jacyntho Lins Brandão. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

JESUS, Carlos A. Martins de. Estudo introdutório. In: **Suplicantes**. Trad. Carlos A. Martins de Jesus. 1ª Edição. Coimbra: FESTEIA – Tema Clássico, 2012.

LEFKOWITZ, Mary. **Not Out of Africa: How Afrocentrism Became an Excuse to Teach Myth as History**. New York: Basic Books, 1998.

LEFKOWITZ, Mary; ROGERS, G. M. **Black Athena Revisited**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1996.

PAPADOPOULOU, Thalia. **Aeschylus: Suppliants**. Londres: Bloomsbury Publishing, 2014.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SOMMERSTEIN, Alan. **Aeschylus: Suppliants**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

VLASSOPOULOS, Kostas. **Greeks and Barbarians**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

_____. **Unthinking the Greek Polis**: Ancient Greek History Beyond Eurocentrism. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

WEST, M. L. **The East Face of Helicon**: West Asiatic Elements in Greek Poetry and Myth. Oxford: Clarendon Press, 1997.